

Música

12, 14 de abril 2013

# Adriana Calcanhotto Solo

Olhos de Onda

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Voz e violão** Adriana Calcanhotto  
**Técnico de som** Duda Vieira de Mello  
**Técnico de luz** Pedro Leston  
**Técnico de Backline** Jorge Ribeiro  
**Produção** IM.par e Hiromi Konishi

**Sex 12, dom 14 de abril**  
**21h30 · Grande Auditório · Duração: 1h30 · M3**

## Olhos de onda

Adoro o palco da Culturgest. Nunca vou esquecer do meu primeiro concerto em Lisboa, sozinha com minha guitarra e uma audiência mágica, em outubro de 2000. Na primeira noite caí de amores pela cidade, e por Portugal, dentro dela. Naquela noite fiz amigos queridos e é tudo nítido e intocado na minha memória, em geral bem turva. Naquela noite entrei em Portugal, ou Portugal entrou em mim, vá lá, para sempre, a porta de entrada sendo o convite da Culturgest, por António Pinto Ribeiro. Lembro que no camarim, em um carrinho, haviam garrafas de guaraná do Brasil sem que ninguém houvesse pedido e aquilo me comoveu logo antes de entrar em cena. Lembro também de sentir mais frio do que imaginava. Lembro sobretudo do frio na barriga antes de entrar no palco, que de algum jeito dura até hoje.

De modo que quando recebi o convite para me apresentar no mesmo formato solo, nas comemorações de vinte anos da casa, disse sim na mesma hora. Não tinha um concerto preparado, não tocava há muito, não saberia se conseguiria e até aqui, sinceramente, não sei, mas por isso mesmo. Andava doida para retomar a guitarra, portanto para inventar um roteiro pensado para Portugal, para pegar a estrada, pela janela do quarto, pela janela do carro, trancafiada em quartos de hotel enquanto Portugal está lá fora, tocando compulsivamente para que o concerto seja lindo e inesquecível como só em Portugal pode ser, enfim, o novo convite da Culturgest era tudo o que mais eu podia querer no

momento em que ele chegou. Depois pegar a estrada seca, com Diogo ao volante, comer doces de ovos em Aveiro, partir atrás de baleias açorianas, ir ao Fado e acordar inchada na manhã seguinte para dar entrevistas sem parar, me emocionar cantando meus poetas amados para as pessoas, pensando bem, o que mais alguém poderia querer?

Tomar e retomar a guitarra é uma constante na minha trajetória, aliás, desde que me apaixonei pelo instrumento, criança ainda. Uma das minhas memórias mais antigas, na casa da minha avó, é uma guitarra que havia lá e que me fascinava embora parecesse (e fosse realmente) um objeto enorme, impossível para mãozinhas. Nas memórias mais antigas, em que as pessoas são gigantes e as casas grandes feito palácios, aquela guitarra era monumental, mas lembro bem das minhas primas achando engraçado o meu deslumbramento e me alcançando o guitarrão para fazer algum barulho, coitadas. Sempre convivi com instrumentos os mais diversos porque os ensaios dos conjuntos onde meu pai tocava eram na garagem da nossa casa. Meu padrinho, Leo Belloni, era guitarrista, tocava com meu pai (baterista) e me deu toques básicos fundamentais da guitarra e de como conviver com ela, contaminado que era pelo micróbio do samba. Ele morreu cedo e não pude conviver e aprender mais, mas acredito que tenha sido responsável por desmistificar o necessário para que eu me aventurasse, em vez de escolher qualquer outro instrumento. Certamente foi ele quem orientou a minha (outra) avó na escolha da guitarra

presente de aniversário de seis anos e que eu não esperava. Daí, professores e ídolos foram sendo assimilados sem que nunca eu chegasse a ter experimentado a sensação de entender como funciona o mecanismo do temperamental instrumento. Hoje ele prossegue misterioso e intransponível para mim, mas adquiri intimidade com esse mistério, digamos assim. Fiz turnês solo, pela Europa, toquei na África, no jardim das esculturas do MoMA, no complexo do Alemão no Rio, em salas antigas, em salas míticas, em ginásios, em espeluncas. Foi sempre assim, tomando e retomando, que convivemos, o instrumento fora de moda no Brasil, e eu.

A retomada desta vez deve-se ao fato de que precisei parar de tocar, o abandono desta vez foi obrigatório, por conta de uma lesão chatinha na mão direita. Exatos um ano e seis meses sem poder tocar, no justo momento em que deveria sair em turnê com *O micróbio do samba*, punhado de canções que compus e gravei, adivinhem, na guitarra. O óbvio, que seria então não fazer os concertos do álbum, acabei não conseguindo, já que não tive coragem de cancelar os três concertos portugueses agendados e eles acabaram gerando o *Micróbio vivo* e o resto é lenda.

No mais, como sempre digo, no meu ofício quem comanda são as canções, e não me debato com isso. Gosto, aliás, de ser levada por elas. Então nunca tenho a menor pretensão de ser coerente com um alinhamento adiantado, adiantando que ando tocando aquelas das quais estava com muitas saudades, algumas das quais havia até esquecido, algumas

do *micróbio do samba*, algumas das quais tenho inveja porque gostava de as ter escrito, algumas que escrevi mas foram gravadas por outros artistas, poemas que musiquei, e alguma coisa nova que ninguém é de ferro. *Olhos de onda*, por exemplo, que batiza o alinhamento, qualquer que ele seja, fiz enquanto ensaiava. Além de inaugurar nova safra, o que sempre é motivo de alegria, a canção ajudou a dar o norte do recital. Constatei quando essa canção nasceu que as outras já estavam também falando do que ela fala e da língua portuguesa e do mar da língua e por aí vai.

De tudo um pouquinho, como a receita da felicidade, deixando sempre aberto o espaço para poetisas que me apaieçam e para novas canções que podem sempre me arrebatar mais perto da hora ou que podem ser escritas no camarim, sacrificando para isso certezas absolutas no repertório, tudo é possível, graças aos deuses.

Aqui estamos, eu, a guitarra e algumas canções que adoro, nos reencontrando, como se fosse a primeira vez, nos encontrando pela primeira vez quando é o caso, desejando viver mais uma noite “daquelas”, no palco querido da Culturgest, antes de por o pé na estrada, enfim. Importante é que aquele frio na barriga antes de entrar no palco sozinha com minha guitarra, permanece, se não aumentou e foi para isso que vim.

Adriana Calcanhotto

## Adriana Calcanhotto

Adriana Calcanhotto surgiu nos anos 1980 no cenário nacional e duas décadas depois é uma referência, tanto para a música popular, como para o mundo do espetáculo. Na música, ao revelar-se moderna no discurso e delicada na harmonia; na carreira, ao alcançar um perfeito equilíbrio entre a qualidade e a popularidade. E assim conquistou os corações brasileiros, com a delicadeza do toque sutil das suas canções.

A trajetória de Adriana começa no sul do país, em Porto Alegre, cidade onde nasceu em outubro de 1965, de uma mistura de italianos e portugueses. Mãe bailarina. Pai baterista e um ambiente harmonioso para que a menina, aos 13 anos, já se aventurasse a inventar canções. Das descobertas musicais de Adriana faz parte não só o fino canto de João Gilberto ou as intrincadas invenções de Miles Davis, mas também os *hits* super populares das rádios AM. Desenvolveu um ouvido sem preconceitos. Estreou nos bares da sua Porto Alegre em 1984 e, quatro anos depois, causou sensação ao participar num espetáculo de Rita Lee. Era ela a misteriosa *bombshell* que adentrava o palco na canção *Miss Brasil 2000* envolta numa capa preta, que abria e revelava a sua nudez por poucos segundos.

Poucos associaram a *Miss Brasil 2000* com a cantora, desde o início daquele ano, que havia sido apresentada a São Paulo e ao Rio, resultado das suas experiências, um ano antes, com o diretor de teatro Luciano Alabarse, ainda no Rio Grande do Sul. O seu primeiro disco,

*Enguiço*, foi lançado em 1990, data também da sua primeira digressão pelo Brasil, e uma música, *Naquela Estação* (Caetano Veloso / João Donato) ganhou o público como banda sonora de uma novela de sucesso, *A Rainha da Sucata*, da TV Globo. A sua intérprete recebeu o Prêmio de Revelação Feminina no 4.º Prêmio Sharp de Música.

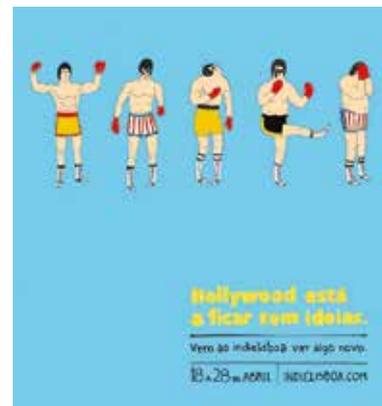
Depois de uma estreia retumbante e nesses mais de 20 anos de carreira, Adriana lançou outros oito discos, produziu sucessos como compositora e espalhou-se por outras artes: na poesia, ao musicar os versos do português Mário de Sá-Carneiro e do francês Jacques Prévert. Nas artes plásticas, ao envolver-se com a obra de Lygia Clark e Hélio Oiticica e em conceções de capas de discos. No cinema e no ballet, ao compor bandas sonoras para documentários e espetáculos, como os da Companhia de Ballet Cisne Negro. E, ainda, em desfiles de estilistas como Luiza Marcier, marca Maria Bonita ou Maria Cândida Sarmento. Desde 2003, contratada pela BMG-Ariola, hoje Sony, Adriana assumiu o heterônimo Adriana Partimpim e, com essa personagem lançou um disco e um espetáculo de sucesso arrebatador, numa proposta feliz em que regista a visão contemporânea para as canções infantis. Adriana Calcanhotto desenvolveu uma carreira em Portugal, na Argentina e em Espanha apresentando-se nesses países com assiduidade, para lançar discos e fazer concertos, sempre para um público fiel e amoroso. Em 2008 lançou o CD *Maré*, considerado pela crítica como um dos melhores álbuns e

concertos de 2008. Em 2009 lançou o disco *Adriana Partimpim Dois é Show!!*, em 2011 lançou o disco *o micróbio do samba* e em 2012 lançou o DVD/CD *micróbio vivo* e também o disco *Adriana Partimpim Tlês*.

Próximo espetáculo

## IndieLisboa'13

Festival Internacional  
de Cinema Independente



**Cinema** De qui 18 a dom 28 abril  
10h30 - 23h45 · M16 (exceto IndieJúnior)

**Organização** Zero em Comportamento,  
Associação Cultural

De 18 a 28 de abril, o IndieLisboa volta a trazer o melhor e mais recente cinema de todo o mundo. Serão onze dias em que o festival marcará presença na Culturgest, que volta a ser coprodutora, no Cinema São Jorge, no Cinema City Classic Alvalade e na Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema.

Serão exibidos mais de 200 filmes, abertos à curiosidade de todos os públicos e distribuídos pelas secções que compõem o festival deste ano: Competição Internacional, Competição Nacional, Observatório, Cinema Emergente, Director's Cut, IndieMusic, Pulsar do Mundo, IndieJúnior e Sessões Especiais. A estas juntar-se-ão debates, conferências, ateliês e masterclasses.

O IndieLisboa comemora o seu 10.º aniversário e convida todos a juntar-se à celebração. Este ano, o festival trará novas surpresas mantendo como sempre a sua essência: um lugar de entusiasmadas descobertas de filmes, sem fronteiras de género, duração ou formato.

A programação do festival é permanentemente atualizada em [www.indielisboa.com](http://www.indielisboa.com).

## Conselho de Administração

### Presidente

Fernando Faria de Oliveira

### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

### Assessores

#### Dança

Gil Mendo

#### Teatro

Francisco Frazão

#### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

#### Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Estagiárias:

Luísa Fonseca

Patrícia Carvalho

Raquel Oliveira

#### Direção de Produção

Margarida Mota

#### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

#### Exposições

#### Coordenação de Produção

Mário Valente

#### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

## Culturgest Porto

Susana Sameiro

Rui Osório de Castro

### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiária:

Mafalda Munhá

### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

### Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

#### Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

#### Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

#### Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

## Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Álvaro Coelho

### Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

### Frente de Casa

Rute Sousa

### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

### Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

### Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

---

## Culturgest, uma casa do mundo

---